

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

FORRÓ DA MELHOR IDADE: UMA “VONTADE POLÍTICA” CUIDANDO DO ENVELHECIMENTO ATIVO

Kárita Rodrigues

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.6752>

Submetido em: 2023-09-05

Postado em: 2023-10-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Carlos Henning (ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2103-2821>)

FORRÓ DA MELHOR IDADE: UMA “VONTADE POLÍTICA” CUIDANDO DO ENVELHECIMENTO ATIVO

AUTOR/A 1, Kárita Segato Rodrigues

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2352-3942>

<karita_segato_rodrigues@discente.ufg.br>

Universidade Federal de Goiás. Goiânia, Goiás (GO), Brasil.

RESUMO: este paper pontua reflexões advindas do trabalho de campo em andamento no Forró da Melhor Idade promovido pelo Projeto Conviver da cidade de Goianésia do estado de Goiás, localizada na região centro-oeste do Brasil. São reflexões que envolvem dança, envelhecimento e pessoas mais velhas, a partir das quais exponho inquietações a respeito de um cenário político de um contexto interiorano. Um diálogo rápido com as políticas públicas direcionadas para este segmento social, bem como uma associação breve ao paradigma da autonomia é apresentado. As reflexões produzidas neste paper são mobilizadas por um campo de experimentações etnográficas fundamentada pela observação participante, em uma aposta na prática antropológica modular possibilidades da dança no momento da vida denominado de “velhice”. A investigação das formas com que o universo da dança contribui para produzir o curso da vida das pessoas mais velhas tem revelado, no contexto interiorano estudado, ao menos até o momento, três constatações. Chama a atenção o fato de que atividades físicas e lazer, e a dança está incluída neste combo, são elementos que sempre são lembrados quando o público alvo é a terceira idade. Estes elementos enfatizam que velhice e dança estão sempre imbricadas para uma política do envelhecimento ativo. Pessoas mais velhas que dançam podem, facilmente, traçar um perfil de velhice que mobiliza interessados em promover a qualidade de vida como uma questão social. Tais constatações podem ser inspiração de debates que tensionam políticas públicas existentes e as formas que assumem nas sociedades ocidentais contemporâneas.

Palavras-chave: forró da melhor idade, envelhecimento ativo, autonomia, dança, “vontade política”.

FORRÓ OF THE BETTER AGE: A “POLITICAL WILL” TAKING CARE OF ACTIVE AGING

ABSTRACT: this paper points out reflections arising from fieldwork in progress in Forró da Melhor Idade promoted by Projeto Conviver in the city of Goianésia, in the state of Goiás, located in the central-west region of Brazil. These are reflections that involve dance, aging and older people, from which I expose concerns about a political scenario in an interior context. A quick dialogue with public policies aimed at this social segment, as well as a brief association with the autonomy paradigm, is presented. The reflections produced in this paper are mobilized by a field of ethnographic experiments based on participant observation, in a bet on the anthropological practice to modulate possibilities of dance in the moment of life called “old age”. The investigation of the

ways in which the universe of dance contributes to producing the course of life of older people has revealed, in the interior context studied, at least so far, three observations. What draws attention is the fact that physical activities and leisure, and dancing is included in this combo, are elements that are always remembered when the target audience is the elderly. These elements emphasize that old age and dance are always intertwined for an active aging policy. Older people who dance can easily draw a profile of old age that mobilizes those interested in promoting quality of life as a social issue. Such findings can inspire debates that stress existing public policies and the forms they assume in contemporary Western societies.

Keywords: forró of the best age, active aging, autonomy, dance, “political will”.

INTRODUÇÃO

São apresentadas neste paper algumas reflexões advindas do trabalho de campo que realizei no Forró da Melhor Idade promovido pelo Projeto Conviver da cidade de Goianésia do estado de Goiás, localizada na região centro-oeste do Brasil. Este trabalho de campo é fruto da minha pesquisa de doutorado em Antropologia Social ainda em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás.

As reflexões aqui que envolvem, de maneira geral, dança, envelhecimento e pessoas mais velhas em um contexto interiorano. Penso que possa ter alguma contribuição tratar especificamente de um contexto interiorano, visto o que Camarano e Pasinato (2004) chamaram a atenção sobre as limitações dos planos de ações para o envelhecimento determinados pelas Nações Unidas, que em geral, trazem estratégias vagas que não consideram as diversidades regionais.

Há ao longo do paper uma rápida problematização sobre políticas públicas direcionadas para este segmento social, bem como uma associação breve ao paradigma da autonomia. A problematização sobre as políticas públicas acontece mais no sentido de contextualizar o Projeto Conviver da cidade de Goianésia-GO, do que propriamente no sentido de análise e/ ou uma possível avaliação dessas políticas no município referido. No segundo e terceiro subitens da discussão deste paper, afirmo, seguramente, que de maneira mais ampla o Projeto Conviver e em especial a sua atividade do Forró da Melhor Idade está em consonância com os princípios de “fomento da saúde e bem-estar na velhice” e com a “criação de um entorno propício e favorável ao envelhecimento”, os quais fundamentam o plano de ação gerado pela Segunda Assembleia Mundial que aconteceu em Madri em 2002 (CAMARANO E PASINATO, 2004).

De maneira mais específica, o Projeto Conviver é fruto da promulgação da Lei Orgânica da Assistência Social (Loas) de 1993, que trouxe “benefícios assistenciais stricto sensu – os amparos

assistenciais”. Em entrevista que realizei com a coordenadora do Projeto Conviver (2023) ela afirma acreditar que esta lei deva ter chegado no município de Goianésia por volta de 1998, quando implantou a Proteção Social Básica na cidade: “até que a lei vem, até que o programa se desenvolve em todos os municípios, leva um tempo. Essa unidade aqui (Gibrail Kinjo) ela foi construída em 2006, mas a outra unidade (Edes Caetano) ela foi construída no ano de 1998.” (Coordenadora do Projeto Conviver em Goianésia-GO, entrevista realizada em julho de 2023).

Sobre a associação ao paradigma da autonomia, o primeiro subitem da discussão deste paper descreve a autonomia como algo que extrapola a pura independência física – para execução das atividades da vida diária principalmente – e financeira da pessoa mais velha. Uma vez pensado a partir do aspecto da dança, especificamente do forró, a autonomia pode se referir também a um certo empoderamento das pessoas mais velhas, com suas especificidades, diante o contexto social que estão inseridas.

As reflexões produzidas neste paper foram mobilizadas, conforme descrito no item metodologia e resultados, por um campo de experimentações etnográficas fundamentada pela observação participante traduzida no que chamo de “observação-dançante”, em uma aposta na prática antropológica modular possibilidades da dança no momento da vida denominado de “velhice”.

Entendo que as reflexões deste paper não esgotam as possibilidades sobre os temas que o atravessa, nem mesmo são reflexões que dão conta de um adensamento da problematização proposta. É certo que, como afirmou Márcia Reis Longhi (2018, p. 53), “existem muitas velhices e diferentes abordagens dependendo do contexto e do enfoque priorizado, e neste sentido algumas discussões podem ficar obscurecidas”.

1 METODOLOGIA E RESULTADOS

As reflexões produzidas neste paper foram mobilizadas por um campo de experimentações etnográficas fundamentada pela observação participante traduzida no que chamo de “observação-dançante”, em uma aposta na prática antropológica modular possibilidades da dança no momento da vida denominado de “velhice”.

Algumas das informações descritas neste paper resultaram de parte da “observação-dançante” realizada no Forró da Melhor Idade promovido pelo Projeto Conviver na

unidade denominada Gibrail Kinjo, na cidade de Goianésia-GO. A parte que interessou para os resultados usados aqui foi a dança compartilhada com os interlocutores e interlocutoras da pesquisa.

Na dança compartilhada no Forró da Melhor Idade os e as interlocutoras lembraram negligências e dificuldades que afirmam contínuas e antigas que, em certa medida, precarizam a vida dessa gente mais velha, dos idosos, na cidade de Goianésia-GO. Conexão que leva a um eixo de experiências partilhadas que revela o desmantelamento dos serviços em várias áreas, principalmente na área da saúde, a mais citada ao longo das conversas.

Através das danças compartilhadas se desenvolveram conversas de várias naturezas, desde a vida privada, relacionamentos familiares, questões de saúde à relação que essas pessoas mais velhas, interlocutores da pesquisa, estabeleciam com vereadores, secretários e primeira dama que também costumavam frequentar o forró no momento da pesquisa. A dança compartilhada também ocorreu entre estes atores políticos e eu enquanto pesquisadora, na qual as conversas da última natureza citada puderam ser adensadas. Aqui foi possível descobrir também que parte destes atores políticos tinham laços de parentesco com pessoas mais velhas que frequentam o forró.

Houve, em algumas ocasiões pontuais do Forró da Melhor Idade como datas festivas, por exemplo festa junina, momentos de aparição pública desses atores políticos: em geral um discurso era proferido em uma pausa solicitada no forró. Nestes momentos foi realizada uma observação detida de discursos e comportamentos que também puderam integrar os resultados apresentados neste paper.

É importante destacar que a própria presença desses atores políticos no Forró da Melhor Idade pode sim ter tido influências sobre a dança de cada um dos interlocutores da pesquisa bem como sobre as conversas que fluíram de cada dança compartilhada. Certamente a escolha em dançar com meus e minhas interlocutoras também pode ter sido um fator influente para os resultados obtidos.

Além da “observação-dançante”, foram realizadas algumas entrevistas. Destas, apenas a entrevista realizada com a coordenadora do Projeto Conviver compôs os resultados apresentados neste paper. Desta entrevista foram obtidas informações sobre planejamento, execução e manutenção do Projeto Conviver e em especial da atividade do Forró da Melhor Idade.

Vale ressaltar que por questões éticas da pesquisa optei por preservar os nomes das pessoas com quem partilhei as danças bem como das que realizei entrevistas, não os identificando diretamente em trechos de falas descritos ao longo do paper.

2 DISCUSSÃO

A discussão proposta neste paper dialoga envelhecimento e um contexto interiorano. Sobre este primeiro ponto a ser notado, é possível perceber, assim como Rosana Castro, Cíntia Engel e Raysa Martins (2018, p. 12) perceberam em relação à ideia de “crise”, que estão diante a uma “disputa política sobre a narrativa do tempo e as perspectivas de futuro”. Ainda que este trabalho não tenha se debruçado diretamente sobre o entendimento do envelhecimento como parte de uma construção da “crise” enquanto categoria, é inegável que ainda existe uma luta para se firmar, por exemplo, aquilo que o Estatuto do Idoso garantiu enquanto direitos, seja para um contexto interiorano ou não.

Sônia Maluf (2018, p. 25) ao refletir sobre o I Colóquio Sujeitos, Estado e Políticas Públicas em 2014, disse que os trabalhos naquele momento já problematizam as políticas públicas em toda a sua extensão “da sua formulação às práticas cotidianas nos serviços e instituições feitas por pessoas concretas e suas agências e reinvenções das políticas públicas; e os modos como os chamados “usuários”, ou pessoas e populações-alvo dessas políticas, interagem com estas”. Ela destacou que naquele momento no Brasil vivíamos

os resultados de algumas décadas de construção de um certo Estado do bem-estar social, de políticas públicas voltadas para a população, em uma perspectiva de inclusão, redistribuição e reconhecimento de populações, comunidades e sujeitos historicamente no Brasil jogados à margem e nas zonas de abjeção da Nação brasileira. (*idem*)

Quase dez anos depois ainda é possível perceber o quão relevante tem sido este tom, e a sua expansão, para os debates teóricos contemporâneos no campo antropológico, sem desconsiderar, é claro, o que já se avançou dessas políticas, sobretudo, a partir da influência dos movimentos sociais. Entretanto, sem desconsiderar também, as enormes instabilidades pelas quais passaram as políticas públicas, decorrentes, por exemplo, de congelamentos orçamentários, que consolidaram em grande

parte a ideia de desmonte nas políticas sociais. Os efeitos e desafios de tudo isso para as pesquisas antropológicas ainda podem estar sendo dimensionados.

Sônia Maluf ainda ressaltou que as discussões de Michel Foucault (1999 *apud* MALUF, 2018, p. 26) sobre biopolítica continuam atualizando tais debates, aguçando as percepções do modo em que essas políticas produzem subjetividades,

tanto a partir da ideia de um sujeito individualizado em sua relação com as novas formas de governo do corpo embutidas nessas políticas quanto à luz de uma nova concepção de população produzida por essas políticas, segundo escrutínios demográficos, estatísticos, quantitativos etc.

Por um lado, temos por exemplo os estudos do Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos (IMB) que descrevem um chamado “bônus demográfico”: “a partir de 2032, a população de 60 anos ou mais será superior à população de 0 a 14 anos. A população de 15 a 64 anos foi predominante em todos os anos analisados, sendo, pelo menos 1,8 vezes maior que a população de 60 anos ou mais” (2021, p. 09). Estes estudos citam o quão importante será o desenvolvimento de políticas e ações que levem em conta este cenário e o cenário “pós-bônus”.

Por outro lado, Guita Debert (2004), por exemplo, em diálogo com outros autores, contribuiu para a compreensão do processo de constituição histórico-cultural no Ocidente da velhice e dos significados cambiantes para ela. A autora destaca que por volta da década de 1990 no Brasil houve o aumento da visibilidade social e política do grupo de pessoas com mais de 60 anos de idade.

No Brasil, a questão do envelhecimento não é pontual. Soma-se a outras questões sociais ainda por serem resolvidas ou minimamente tratadas, marcadas, principalmente, pelas desigualdades sociais (CAMARANO e PASINATO, 2004). Este é um ponto, que em especial para países em desenvolvimento como o Brasil, deve ser notado com atenção por implicar uma diversidade e uma variabilidade de um segmento populacional até então considerado de maneira geral como homogêneo, com necessidades e experiências comuns. Seguramente, o envelhecimento, como uma das transformações sociais mais significativas no contemporâneo, tem provocado ajustes nas esferas pública e privada. O livro *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?*, organizado por Ana Amélia Camarano (2004, p. 03), propõe justamente a analisar “a dinâmica de uma população que envelhece rápida e diferenciadamente em um contexto de profundas transformações sociais e de ajuste fiscal”. O livro também examina “as oportunidades, os problemas e os desafios de uma

proteção social efetiva para a população idosa, que inclua tanto políticas públicas quanto apoios familiares.” (*idem*).

Especialmente no que tange às políticas públicas, Camarano e Pasinato (2004, p. 10) têm razão ao explicitar que estas devem responder tanto “às demandas dos indivíduos que buscam o envelhecimento ativo como, também, tentar atender às necessidades daqueles em situação de vulnerabilidade trazida pela idade avançada.” É o que percebi que ocorre para com o Projeto Conviver em Goianésia-GO, especialmente no que se refere à sua atividade do Forró da Melhor Idade.

A cidade de Goianésia no estado de Goiás não está entre os dez municípios com mais pessoas idosas do estado. “O estado de Goiás possui um percentual de idoso menor que o Brasil, no entanto, apresentou um maior aumento no período, passou de 10,2% em 2012 para 14,07, contra respectivamente 12,8% para 15,7% no território nacional” (IMB, 2021, p. 22). Contudo, já faz um tempo que o cuidado e a (re)produção da vida sobre pessoas mais velhas ou idosas, como comumente são denominadas, são assuntos de relevância social, política e econômica.

Não raro, Programas de Promoção Social, Programas de Saúde e até mesmo Programas da Cultura têm tomado esse arsenal para suas agendas. A entrevista com a coordenadora do Projeto Conviver em Goianésia revelou as constantes parcerias que têm se dado entre tais programas na cidade de Goianésia, tendo em vista o público de pessoas idosas atendidas pelo Projeto Conviver. O que não necessariamente tem se dado de maneira livre de tensões, sobretudo em relação às suas abordagens que facilmente não levam em conta as intersecções de marcadores como idade, geração, gênero, sexualidade, raça, classe social só para citar alguns que têm cada vez mais sido ressaltados pelas sociedades contemporâneas ocidentais.

Nesse sentido, compreende-se que as demandas por políticas sociais que atendam ao segmento populacional com mais de sessenta anos de idade têm se dado muito mais pela heterogeneidade, que tem se tornado cada vez mais evidente para este segmento, do que por uma relação entre envelhecimento e dependência, como já apontaram Ana Amélia Camarano e Mara Tereza Pasinato (2004).

Considerando todo este raciocínio e pensando junto a estas autoras citadas aqui, consegui perceber o Forró da Melhor Idade como, inicialmente, parte de um programa social voltado ao cuidado de pessoas mais velhas, aos idosos. E o percebi como algo que deve ser analisado de

maneira crítica. Voltado a um cuidado que poderíamos entender como “ampliado”, que extrapola o cuidado com a saúde física dessas pessoas e alcança o seu bem estar social, pondo em evidência conjunturas sociais que precisam ainda serem debatidas. A partir disso, veio o questionamento: como o Forró da Melhor Idade produz velhices idiossincráticas em relação a uma concepção muitas vezes estereotipada, embutida em políticas públicas, da velhice em nossas sociedades contemporâneas ocidentais?

O Forró da Melhor Idade do Projeto Conviver em Goianésia-GO me aproximou de um segmento populacional que venho estudando: pessoas mais velhas ou idosas que vivem fora dos grandes centros urbanos. A investigação das formas com que o universo da dança contribui para produzir o curso da vida dessas pessoas mais velhas tem revelado, no contexto interiorano estudado, três constatações que tratarei a seguir.

2.1 Forró da Melhor Idade: um caminho para a autonomia

Chama a atenção o fato de que atividades físicas e lazer, e a dança está incluída neste combo, são elementos que sempre são lembrados quando o público alvo é a terceira idade. A atenção é supostamente dada em decorrência da visão tradicional sobre a relação entre envelhecimento e dependência, estabelecida em parte pelos aspectos biológicos do aumento das debilidades físicas e em parte ampliada por aspectos decorrentes da estrutura social. Logo, se uma pessoa ao envelhecer participa de um contexto como o das danças de salão, e do forró em específico, obviamente estaria cuidando de sua saúde física e social.

Reflexões nesse sentido consideram um processo de individualização que é próprio do contemporâneo, que colocará em relevo o aspecto da autonomia. Para o Forró da Melhor Idade este aspecto é justificado não só pelo fato das pessoas ali, sobretudo as mulheres mais velhas que são a grande maioria frequentante, escolherem estar neste ambiente de dança de salão, como também por acontecimentos que lhes são, muitas vezes, comuns como a viuvez, separação, aposentadoria.

A associação rápida entre atividades físicas, lazer, e para o caso aqui tratado a dança, com o envelhecimento, assevera um diálogo direto com um dos potenciais problemas, apontados por Marcia Reis Longhi (2018, p. 53) gerados pelo envelhecimento da população: “a dependência física, que demandará cuidados de longa duração”. Os cuidados de longa duração estão relacionados àquelas pessoas que não conseguem ou têm alguma dificuldade para realizarem suas atividades

diárias de vida. A política pública já existente para este caso determina que tais cuidados devem ficar a cargo da família, quando não do Estado.

Para tanto, falar de envelhecimento e dança pode, em muitos momentos, parecer redundância. A dança associada à velhice está quase sempre imbricada a um envelhecimento ativo e saudável. No senso comum, quem chega a este estágio do curso da vida denominado de velhice e consegue manter uma prática de dança está mantendo uma certa juventude e uma disposição à saúde, rapidamente associados à uma autonomia.

Duas coisas são importantes, contudo: a primeira é que a associação à uma autonomia não implica uma “negação ao cuidado”. Ainda assim, este segmento populacional, ainda que praticante de dança, deve continuar a fazer parte do rol de preocupações sociais. Na entrevista realizada com a coordenadora do Projeto Conviver, ela relata a dificuldade atual de ter um profissional da Psicologia para fazer atendimentos individualizados com as pessoas idosas. A dificuldade, segundo ela, se deu principalmente após a efetivação do Forró da Melhor Idade como atividade do Projeto:

a psicóloga atendia toda semana nas duas unidades. Com dois anos implementado o forró os atendimentos diminuíram muito. Aquelas que mais vinham na psicóloga foram as que mais melhoraram com o forró. Só que ainda tem pessoas que precisam desse atendimento e, agora é mais difícil conseguir uma psicóloga para atender toda semana. Sou eu quem tem que tirar um tempo pra ouvi-las e dar conselhos. (Coordenadora do Projeto Conviver em Goianésia-GO, entrevista realizada em julho de 2023).

A segunda coisa importante é que esta face do senso comum não impeça a visibilidade de outras, fortemente marcadas pelo enfoque da velhice como problema, que inclusive são, em parte, responsáveis por direcionar políticas públicas para este segmento populacional (LONGHI, 2018). Boa parte das pessoas mais velhas que frequentam o forró e com as quais compartilhei uma dança, me confirmaram não estarem cadastradas no Projeto Conviver apesar de participarem assiduamente do forró. Uma vez não cadastradas não estão também incluídas naquela parcela deste segmento social considerada em alguma situação de vulnerabilidade social para a Promoção Social do município de Goianésia. O que não significa, entretanto, que de fato não estejam em alguma situação de vulnerabilidade. Mais adiante falarei melhor sobre este ponto. Grosso modo, o que se entende é que: está frequentando o forró, então está com a vida tudo bem, sem nenhum problema significativo. Contudo, o contrário também é perfeitamente possível de ocorrer: está frequentando o forró, pois a vida não anda muito bem.

O que quero dizer é que apesar de parecer uma contradição, penso que a coexistência e os tensionamentos de ambas as coisas são de fato o que fundamenta nossas reflexões acerca do envelhecimento. A discussão proposta por Longhi (2018) a respeito da autonomia no envelhecimento, me leva a perceber que o que acontece é que a conquista de uma certa autonomia possivelmente conquistada pela prática da dança, neste caso, não se reduz à lógica individualista, apontando para uma valorização também de laços e obrigações sociais. Pelas palavras de Ana Amélia Camarano e Maria Tereza Pasinato (2004, p. 02):

está se falando aqui de um segmento que vivencia a última etapa da vida, composto tanto por pessoas com total autonomia, com capacidade de contribuir para o desenvolvimento econômico e social e que desempenham papéis importantes na família quanto por pessoas que não são capazes de lidar com as atividades básicas do cotidiano e sem nenhum rendimento próprio, ou seja, um grupo com necessidades bastante diferenciadas.

2.2 Envelhecimento ativo: uma promessa ou um risco?

Velhice e dança quase sempre estão imbricadas para uma política do envelhecimento ativo, que possa ser atribuída em parte pela substituição da percepção de que esta última fase da vida é um processo de perdas pela percepção de que tal fase é “um momento propício para novas conquistas e busca de satisfação pessoal” (CAMARANO e PASINATO, 2004, p. 08).

Guita Debert (1998) nos faz perceber que o século XX inaugurou uma imagem da velhice associada à positividade, traduzida de maneira geral em termos de realização pessoal e prazer. Tamara Hareven (2015) alertou que o destaque para a velhice no século XX não foi desinteressado. Para ela, havia uma preocupação quanto às possíveis limitações à eficiência do trabalho, podendo ter consequências diretas na produção – algo muito associado a uma perspectiva social-capitalista. Tal preocupação, para Tamara Hareven (2015), que veio acompanhada pelo movimento por proteção social aos idosos, tem a ver com o fato de que certas condições peculiares de determinadas pessoas se tornam um problema social, logo são foco de atenção das agências públicas, sendo, inclusive, integradas à legislação.

Não por acaso políticas públicas com vistas à integração social das pessoas idosas têm sido cada vez mais comuns. Vale dizer que para o contexto do Brasil a adoção de um conceito positivo e ativo de envelhecimento veio como uma orientação para o desenvolvimento, sobretudo, pelo fato da inclusão do tema envelhecimento na agenda política do país ter coincidido com um período de

redemocratização do país e consolidação da constituição de 1988, logo após o Brasil ter sido signatário do Plano Internacional de Ação para o Envelhecimento em 1982 (CAMARANO e PASINATO, 2004).

Aqueles e aquelas que dançam no Forró da Melhor Idade experimentam sensações que muitas vezes eles e elas descrevem como “não sabia que meu corpo dava conta de fazer isso” ou ainda “quando venho para o forró eu melhora, nem lembro o que estava doendo”. Afirmações como estas nos exigem certo cuidado de análise, visto que uma política do envelhecimento ativo poderia ser reflexo de perspectivas polarizadas que assolam o envelhecimento, sendo entendido muitas vezes como aquele que não é dependente e não constitui um problema social. Nesta parte, seria muito arriscado e até mesmo problemático se considerássemos tais afirmações como parâmetro para políticas públicas, podendo facilmente “liberar” a instância pública e até mesmo privada em alguns casos, de suas responsabilidades para com este segmento social, reforçando quase exclusivamente um desenvolvimento individual continuado. Nesse sentido, associada esta parte ao cenário da dança, especificamente do forró, ainda correr-se-ia o risco em alimentar estigmas como “o bom envelhecimento é aquele em que se dança”, “pessoas mais velhas que dançam nem parecem ser velhas”, “pessoas que dançam não têm nenhum tipo de problema, seja ele físico ou de alguma outra dimensão, social por exemplo”.

2.3 “Vontade política”: algo próprio do Forró da Melhor Idade?

Pessoas mais velhas que dançam podem, facilmente, traçar um perfil de velhice que mobiliza interessados em promover a qualidade de vida como uma questão social. O Forró da Melhor Idade é uma atividade promovida pelo Projeto Conviver, vinculado à Secretaria de Promoção Social, na cidade de Goianésia no estado de Goiás. Em tese, as pessoas cadastradas neste Projeto têm mais de sessenta anos de idade e se encontram em alguma situação de vulnerabilidade social. Em tese porque o projeto não consegue dar conta de atender todas as pessoas mais velhas, idosas, neste tipo de situação, como apontei no item anterior aqui.

Nesse sentido, este forró evidencia, em parte, a falta de uma rede de cuidados, bem como a falta de recursos e instrumentos para as pessoas mais velhas, os idosos. Pessoas em diversas formas de vulnerabilidades muitas vezes ocasionadas pela ausência de cuidados vitais, associadas ou não a um ou mais marcador da diferença. O que compromete as possibilidades de emergência de um sistema equânime para lidar com o envelhecimento. Importante, por outro lado, não

desconsiderarmos que ainda estamos diante um cenário de envelhecimento cujos efeitos ainda não puderam ser completamente mapeados, ainda mais no que concerne ao contexto interiorano.

Fato é, pois, que a constante fragilização, sobretudo pelos cortes de verbas, de um sistema já precarizado tem voltado as prioridades referentes a este público à instância privada ou deixando-as à mercê de interesses políticos individuais como é o que tenho constatado pela intensificação da presença de vereadores no Forró da Melhor Idade. A coordenadora do Projeto Conviver, em sua entrevista, relata que a consolidação do forró da forma que ele existe hoje teve um “viés político”:

tinha um vereador que viu que elas gostavam de dançar e aí foi na secretaria e conseguiu uma vez no mês. Foi assim: ele, no primeiro mandato dele, ele foi eleito pela igreja dele. No segundo, a mãe dele participava do projeto aqui e falou para ele que dançava aqui de tarde e que seria bom se tivesse forró a noite. E aí ele usou isso como estratégia: foi até a secretaria para pedir um espaço para poder funcionar o forró a noite. Só que era desse jeito: era pouquinha gente e uma vez no mês. Porque a secretaria liberou o espaço, mas disse que podia só uma vez no mês, porque a funcionária só vinha uma vez no mês para abrir. (Coordenadora do Projeto Conviver em Goianésia-GO, entrevista realizada em julho de 2023).

Desta fala da coordenadora vem a elaboração da expressão “vontade política”, que compõe o título deste paper. Tal expressão, que está ligada a um aspecto próprio do Forró da Melhor Idade como campo de estudo da pesquisa aqui referida, aponta que interesses particulares de atores políticos, como vereadores, surgem disfarçados por uma iniciativa em promover a qualidade de vida deste grupo de pessoas denominadas idosos. Mais recentemente é possível encontrar no forró outras pessoas interessadas a saírem candidatas ao cargo de vereador, as quais passaram a frequentar o forró motivadas a conquistarem possíveis eleitores.

O ambiente do Forró da Melhor Idade que se volta para cuidados com as pessoas mais velhas, no sentido de que tenta ali garantir que essas pessoas desfrutem de seus direitos humanos e de suas liberdades fundamentais, um espaço que significa a autorrealização para muitas dessas pessoas que aproveitam a oportunidade para desenvolverem seus potenciais físicos por exemplo, acaba sendo também uma ponte para a promoção política pessoal.

As políticas públicas que possam surgir desta ponte têm, então, em parte a ver com a “vontade política” daqueles que aproveitam o contexto para também se promoverem no meio político. É claro que este grupo de pessoas mais velhas, em sua grande parte pelo menos, não está totalmente inocente e vulnerável à ação desses políticos.

Camarano e Pasinato (2004) já revelaram que não se pode negar que o envelhecimento tem sido considerado pela agenda das políticas públicas brasileiras em decorrência de influências e pressões da sociedade civil, bem como de associações, grupos políticos, etc. Essas pessoas idosas têm certa consciência de que, por exemplo, funcionam como trampolim para a (re)eleição de alguns. E nesse sentido, fazem uso de sua autonomia ao “negociarem” com esses políticos melhorias e desejos para o Forró da Melhor Idade: seja um espaço maior e mais amplo, seja o financiamento de música ao vivo, seja a inclusão da atividade em mais um dia da semana.

É claro que essa negociação não se dá de maneira explícita assim, mas é possível notar que entre uma dança e outra é comum que se comente: “eu sou fulano de tal, vou sair candidato na próxima eleição”, “eu sou o vereador tal, sempre estou à frente nas reuniões na câmara”. Em resposta também é comum que se escute: “a gente gosta tanto quando ciclano vem tocar ao vivo aqui”, “está aumentando a quantidade de gente que vem ao forró... podia ter um espaço maior, mais ventilado”, “o forró faz bem demais pra gente, podia acontecer mais uma vez na semana, só uma vez é muito pouco”. Nesse sentido, é possível verificar no Forró da Melhor Idade do Projeto Conviver em Goianésia-GO que a perspectiva de que as pessoas idosas são um grupo vulnerável e dependente vem sendo gradualmente substituída pela de que este mesmo grupo é ativo e atuante. E entre uma dança e outra, vereadores, secretários, primeira dama, vão coreografando movimentos que englobam estratégias políticas que atendam este segmento populacional, as pessoas idosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse recorte do trabalho de campo, que está em andamento, no Forró da Melhor Idade promovido pelo Projeto Conviver da cidade de Goianésia do estado de Goiás, identifiquei três aspectos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que atividades físicas e lazer são elementos que sempre são lembrados quando o público alvo é a terceira idade. Para este primeiro aspecto, a dança, especificamente o forró, caracterizou o que se denomina “atividade física e lazer”. O segundo aspecto identificado foi a associação entre velhice e dança imbricada por uma chamada política do envelhecimento ativo. O terceiro aspecto foi delineado pela minha percepção, no grupo pesquisado, de que pessoas mais velhas que dançam podem, facilmente, traçar um perfil de velhice que mobiliza interessados em promover a qualidade de vida como uma questão social.

Os aspectos identificados podem refletir, sobre o grupo de pessoas mais velhas que frequentam o Forró da Melhor Idade da cidade de Goianésia, que em certa medida há a conquista de

uma autonomia que não se restringe às debilidades físicas ou das estruturas sociais. Por conseguinte, o idealizado, por assim dizer, envelhecimento ativo deve sempre ser analisado de forma combinada ao contexto em que é determinado, visto a forte tendência em conectá-lo à uma perspectiva positiva do envelhecimento, sobretudo, quando este contexto envolve a dança em alguma das suas manifestações. Especialmente para o grupo pesquisado, a dança, manifesta no Forró da Melhor Idade, tem sido ponte para atores políticos se apropriarem da interpretação positiva e ativa do envelhecimento para alguma articulação política. O que pode ser, para o meu viés analítico, algo muito peculiar ao contexto interiorano estudado, que fortemente sustenta uma “vontade política” para a efetivação de políticas públicas.

De modo geral, acredito que as pessoas mais velhas que dançam no Forró da Melhor Idade promovido pelo Projeto Conviver na cidade de Goianésia-GO, acionam variáveis que dizem respeito às formas que as políticas públicas assumem para este contexto interiorano. Ademais, refletem diferentes abordagens para o envelhecimento ativo e destacam o enfoque priorizado por aqueles que podem ser determinantes para debates que tensionam políticas públicas existentes para este segmento social.

A aposta em uma pesquisa no Forró da Melhor Idade, a partir da antropologia, que dance junto às histórias, lamentos e esperanças das pessoas mais velhas que o frequentam, oxigena, de certo modo, soluções que têm sido sugeridas por gestores e políticos não só da promoção social, como também da cultura, saúde e outros que possam, de algum modo, estarem relacionados.

REFERÊNCIAS

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. Introdução. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; PASINATO, Maria Tereza. O Envelhecimento Populacional na Agenda das Políticas Públicas. In: CAMARANO, Ana Amélia (org.). *Os novos idosos brasileiros: muito além dos 60?* Rio de Janeiro, IPEA, 2004.

CASTRO, Rosana, ENGEL, Cíntia e MARTINS, Raysa. Introdução: crise por quê? Crise pra quem? In: CASTRO, Rosana, ENGEL, Cíntia e MARTINS, Raysa (orgs.). *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília, Sobrescrita, 2018.

CRUVINEL, Evelyn de Castro; SATEL, Clecia Ivania Rosa; MARINHO, Fernanda Vitoria da Mota. *População idosa em Goiás*. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. Goiânia, 2021.

DEBERT, Guita G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. DEBERT, Guita G. (org.). *Antropologia e Velhice*. 2ª ed. Textos Didáticos, n. 13, IFCH/UNICAMP, São Paulo, 1998.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. Editora da Universidade de São Paulo, FAPESP, 2004.

HAREVEN, Tamara K. *Novas imagens do envelhecimento e a construção social do curso da vida*. Cadernos Pagu, (13), 11–35, 2015.

LONGHI, Marcia Reis. Dependência, autonomia, cuidado e velhice: consideração sob o prisma das políticas públicas. In: CASTRO, Rosana, ENGEL, Cíntia e MARTINS, Raysa (org.). *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília: Sobrescrita, 2018.

MALUF, Sônia Weidner. Antropologias e políticas em contextos de crise: saudades do futuro. In: CASTRO, Rosana, ENGEL, Cíntia e MARTINS, Raysa (orgs.). *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília, Sobrescrita, 2018.

DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DA PESQUISA:

O conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo não está disponível ao público.

FINANCIAMENTO:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS:

A autora correspondente é a única responsável por garantir que todas as descrições no paper sejam precisas.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE:

A autora 1 declara não haver conflitos de interesse.

DECLARAÇÃO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

A pesquisa aqui referida está dentro de um projeto guarda-chuva intitulado *Por uma Antropologia do Curso da Vida: marcadores sociais das diferenças e transformações no curso da vida*, cujo proponente e coordenador é o Prof. Dr. Carlos Eduardo Henning, também orientador para a pesquisa aqui referida. O projeto guarda-chuva foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás (CEP/UFG).

MINIBIOGRAFIAS DOS/DAS AUTORAS DO PAPER:

Kárita Segato Rodrigues é graduada em Ciências Sociais e Dança, ambas pela UFG. Mestrado e Doutorado (em andamento) em Antropologia Social pelo PPGAS/UFG. Membro do Laboratório de Experimentações Etnográficas e Marcadores Sociais das Diferenças (LEX/UFG).

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.